

MAURI

Warley Matias de Souza

MAURI



Souza, Warley Matias de, 1974-
Mauri / Warley Matias de Souza. -
1ª ed. - Joinville : Clube de Autores, 2015.
84 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-910742-7-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD-028.5

MAURI
Copyright © 2015 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: Gabriel Lavarini

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra,
por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil - Printed in Brazil

A chata da minha mãe

A nova casa é bonita, espaçosa, confortável; mas, sei lá, sinto certa tristeza aqui dentro de mim. Meu pai disse que isso é saudade. E sei que ele está certo. Estou longe dos meus amigos. E aquela de quem sinto mais falta é a Carol. A gente se via “todo santo dia”, como dizia minha vó. E, agora, tem dois dias que não a vejo.

O pateta do meu irmão vomitou a viagem inteira. Toda hora, meu pai precisava parar o carro. O pateta descia e vomitava. E minha mãe dizendo que o “pobrezinho” é muito sensível, que qualquer coisa que ele come faz mal...

E eu só conseguia pensar se algum dia Carol e eu vamos nos ver de novo. Tenho medo de que isso nunca mais aconteça. E estou com muita saudade dela. Como dizia minha vó, a gente era “unha e carne”. E, agora, a unha separada da carne, sei não, será que vai doer pra sempre? Só sei que não vou esquecer-la nunca, “nem que a vaca tussa”, como dizia minha vó.

Quando cheguei aqui, dei logo uma explorada na área, uma volta na vizinhança, pra conhecer um pouco do bairro e das pessoas daqui. Confesso que achei tudo meio sem graça, mas a chata da minha mãe disse que preciso fazer novos amigos, ou melhor, amigas. Ela disse que essa coisa de menina ser amiga de menino não dá certo.

A minha mãe é pré-histórica! Fresca! Ai, não suporto! Cheia de não me toques. Usa sempre salto alto, às vezes até em casa, o que a faz chegar a mais de um metro e setenta, e eu já a vi chorar quando quebrou uma unha. Não sei como o meu pai aguenta. É mesmo um santo! Minha vó dizia que todo mundo tem uma cruz pra carregar na vida. Pois a cruz do meu pai é a minha mãe. Ai, não quero crescer e ficar feito ela, não mesmo. Vou ser bem diferente dela, ah vou.

A minha vizinha é muito esquisita. Que figura! Acho que ela tem a mesma idade que eu. Ela só usa roupa cor-de-rosa, batom preto e unhas pretas. É gorda, branca e tem cabelos lisos, curtos

e muito pretos. Quando vi aquele ser do outro mundo passando na rua, fiquei chocada. Eu estava no portão aqui de casa; ela passou, com um pit bull do lado, olhou pra mim com cara de nojo e entrou na casa dela, uma casa meio sinistra. Eu só não corri porque o pit bull estava usando focinheira; eu morro de medo de cachorro.

Assim que ela entrou em casa, passou um menino e riu pra mim, falou que a Rosinha do Mal, é assim que ele a chama, é um ET perdido aqui na Terra, me contou que ela só veste roupa cor-de-rosa e usa sempre batom preto e unhas pretas. Ela é meio esquisita mesmo, meio insuportável. Mas aquele menino, sei não, ele também é meio do mal, não gostei dele não, seu nome é Fernandinho. Ele riu muito quando eu disse que meu nome é Mauri, achou estranho e engraçado. E olha que ele nem sabe o meu nome verdadeiro.

A minha casa aqui é de dois andares. A casa da Rosinha do Mal também é. O pior é que a janela do meu quarto fica de frente pra janela do quarto dela.

Agora há pouco, eu estava distraída aqui e senti uma coisa estranha, uma sensação, como se alguém estivesse me espionando. E quando olhei pra minha janela, a Rosinha do Mal estava lá, na janela do quarto dela, me olhando com aquele olhar de desprezo. Aí puxei a cortina.

Nesse momento, a chata da minha mãe me chamou, ela queria me ensinar a fazer uma torta de morango. Eu não queria usar um aventalzinho ridículo e perder meu tempo na cozinha, não mesmo. Mas, se eu não fosse, ela ia pegar no meu pé o dia inteiro.